


FONTOURA XAVIER



OPALAS



(Edição definitiva, muito augmentada)

Com um prologo de Annibal Falcão e um juizo critico
do Visconde de S. Boaventura



LISBOA
LIVRARIA EDITORA
VIUVA TAVARES CARDOSO
5 — LARGO DE CAMÕES — 6

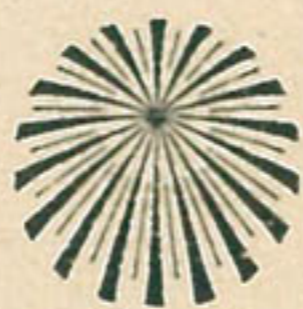
—
1905

FONTOURA XAVIER

OPALAS

(Edição definitiva, muito augmentada)

Com um prologo de Annibal Falcão e um juizo critico
do Visconde de S. Boaventura



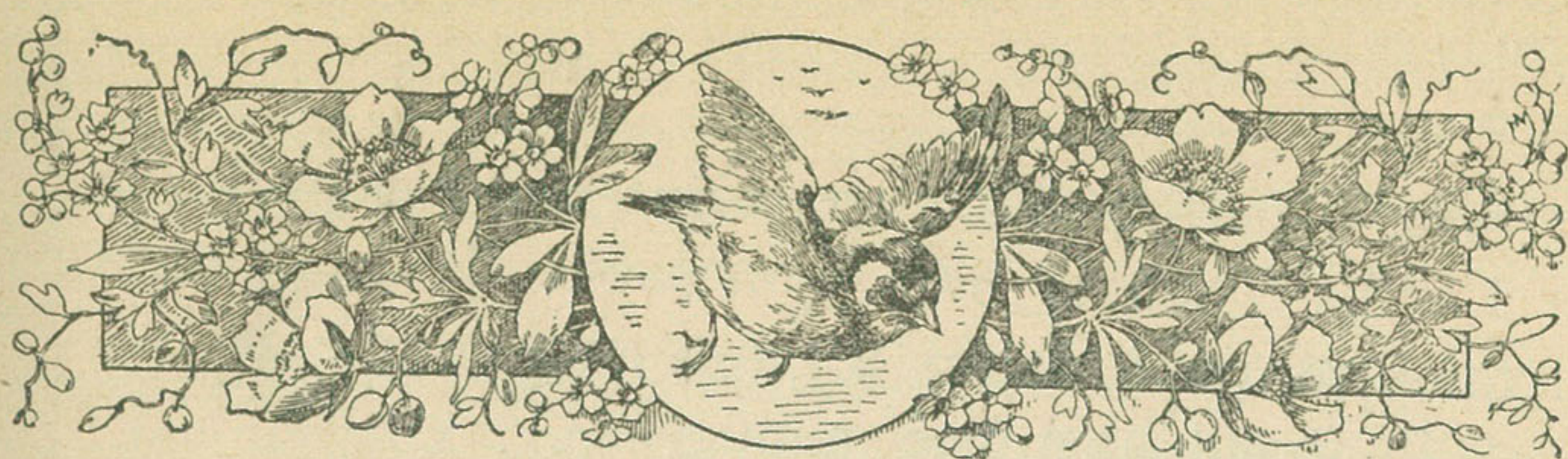
LISBOA
LIVRARIA EDITORA
VIUVA TAVARES CARDOSO
5 — LARGO DE CAMÕES — 6

—
1905

Typ. a vapor da Empreza Litteraria e Typographica

178, Rua de D. Pedro, 184 — Porto

A' MEMORIA DE MEUS PAES



OCCUPAMOS aqui o lugar que estava reservado a um que é hoje morto — Arthur Oliveira. Da lembrança dos que o conheceram certo se não terá apagado aquella extranha figura, cheia dos arrebatamentos da febre, da louca furia da arte. Era um possesso do bello, alma cheia de imaginação — e só de imaginação — unidade terrivel e comprometedora para a lucidez do espirito e para a saude do corpo. O resultado é que elle desapareceu, tendo a sua existencia sido apenas o promettimento de uma grandeza, que não apoucarão jamais as considerações do scepticismo irreverente e do materialismo d'aquelles que só endeosam os vencedores, e não têm lagrimas de saudades pelos heroes vencidos. O mundo grego — ao qual tinhas tanto amor, pobre moço malogrado — diria de ti pela bocca de Homero que

foste amado de Zeus, pois que te arrancou joven á vida. Todavia uma apostrophe de Ajax diria tambem que te faltou a gloria promettida aos que cedo abandonam este mundo.

E é essa a dor maior dos que te conheceram e estimaram; tanto mais pungente para nós quanto, comparando-o ao teu poder de criação artistica, é pobre e frio o que podemos imaginar do que aqui dirias, na tua prosa deslumbrante, prefaciando as poesias do nosso bello e commum amigo Fontoura Xavier.

A Arthur Oliveira não succedemos, pois, senão no empenho de amizade: o acervo dos seus bens litterarios levou-os elle ao tumulo, como os guerreiros fetichistas levavam as suas armas de guerra — as socias da sua tarefa na vida.

Temos mais a dizer. O afastamento da litteratura contemporanea, em que não encontramos a satisfação das nossas necessidades estheticas; as nossas convicções em materia d'arte; os nossos preconceitos e o ideal que nos atrevemos a conceber ácerca dos destinos da poesia — nos tornam inhabil para o desempenho da missão que já hoje é nossa, — por extrema benevolencia de Fontoura Xavier.

Mas escreveremos conforme pensamos.

O leitor conhece Fontoura Xavier? E' um adepto da vária poetica dominante. Como tal, as suas qualidades e os seus defeitos são communs á totalidade dos poetas contemporaneos; mas no-

taremos o que n'elle houver de mais preciso ou *accentuado*.

A falta mais grave de toda a litteratura contemporanea consiste em confundir os diversos elementos da elaboração artistica, dando preeminencia aos dois inferiores, isto é, ora á expressão, ora á observação. D'esta fórma é prejudicada a idealisação, — operação essencial da poesia, embora toda a synthese poetica deva repousar sobre a observação da existencia real.

Mas a razão da confusão apontada vem de que não se precisa até onde as condições da realidade objectiva devem ser respeitadas, ou o que importa aproveitar do que existe concretamente, para d'ahi induzir o typo d'onde se deduza a construcção final — destinada a provocar as emoções estheticas.

Ora, essa theoria é dada pela consideração do fim real da arte — que é o aperfeiçoamento da nossa existencia moral, e resulta da contemplação da obra esthetica da Humanidade.

Se a considerarmos, pois, sob o primeiro aspecto, isto é, em relação ao objectivo da produção artistica, veremos que o que unicamente não póde ser violado é o que se destina a preencher esse fim, isto é, o conjuncto de leis que regulam a existencia moral. Uma vez n'este ponto da elaboração da theoria da arte, podemos sem custo generalisal-a, e chegaremos á sua formula verdadeira, que é: o desprezo das leis inferiores e o respeito estricto das condições da vida superior.

Releva notar de passagem que a serie de processos logicos que se deve seguir — e espontaneamente é seguida — nas construcções poeticas é precisamente a das indagações scientificas.

Mas vejamos como a contemplação do thesouro esthetico da Humanidade — producto espontaneo empiricamente formado e de que só depois o genio abstracto deduziu as leis — confirma esta doutrina.

Nas diversas fórmãs e phases da arte humana vemos que o que predomina como elemento capital é o assumpto — seja desenvolvido de qualquer maneira. Vemos tambem que esse assumpto é sempre synthetico — o que não se poderia dar reduzindo a poesia á estricta obediencia da observação concreta — por si variada e confusa. O assumpto artistico — da architectura, da esculptura, da pintura, da musica e da poesia propriamente dita — é, mesmo nas suas primeiras e mais categoricas manifestações, puramente religioso, isto é, o superior e mais synthetico. Quando a dissolução do velho regimen theocratico separa a arte do ramo sacerdotal, ella não abandona de modo algum o seu dominio religioso, e continúa na Grecia a idealisar o Olympo. Finalmente, embora accentuando-se as suas tendencias dispersivas — é sempre a existencia moral e social que ella idealisa — fazendo convergir para o homem a propria idealisação das leis cosmicas. N'outras palavras, ella é sempre *anthropocentrica*, para nos servirmos de uma expressão corrente.

Esta incompleta e rápida contemplação revela que, nas obras d'arte, o assumpto idealisado é o primordial elemento, e que a observação não sugere senão dados esparsos, que o genio poetico trata, sujeitando-se unicamente á lei de respeitar o superior e desprezar o que é inferior.

Uma consideração final tornará mais claras as nossas idéas.

Imaginemos que no poema de Dante — perdoem-nos a blasphemia — Beatriz é apresentada como um typo sujeito a todas as condições da vida biologica, ao passo que a sua existencia moral não apresenta aquella pureza e ternura que a fazem soberana. — Não haveria nada menos artistico.

Entretanto, na construcção de Dante, a figura de Beatriz vive desprendida das necessidades da existencia biologica. — Isso não irrita o senso popular. Mas as leis moraes foram respeitadas, e dirigida a sua idealisação ao fim de commover-nos aperfeiçãoando-nos. — Isso constitue a imperecivel belleza da creação do poeta.

Mas, como dissemos, ainda a poesia contemporanea — faz que a expressão sobreleve ao assumpto.

Essa tendencia tem uma explicação, que em parte é uma justificativa.

A emancipação crescente do espirito humano, afastando-o do theologismo, entregou-o livremente á sua espontaneidade primitiva. Es-

sa revolução reflectiu-se na linguagem, criação antiga e espontanea da Humanidade, e em que se mantiveram os traços da existencia primitiva. Então a linguagem litteraria — rompendo com os canones classicos — approximou-se da linguagem popular, cujo processo de expressão essencialmente subjectivo e sentimental coincidia com as verdadeiras condições do processo artistico. O homem, livre do amor a Deus, recomeçou a dizer as velhas phrases fetichistas de amor á natureza-mãe — viva e animada d'uma benevolencia providente.

Esse enriquecimento da linguagem poetica, coincidindo com o apuro dos processos do estylo, dada a redução do valor do assumpto idealizado, trouxe, porem, *obcessão da phrase*. Dizer d'um modo original e frisante, d'um modo impressivo e extraordinario, tornou-se o cuidado principal dos poetas e prosadores; e com isto a sobriedade, a perspicuidade e a clareza deixaram de ser as virtudes do bom estylo. Se a pintura tornou-se mais brilhante e grandiosa, perdeu em verdade e em exactidão de proporções e de planos. As grandes pinceladas da metaphora fizeram dos quadros — verdadeiras scenographias, uma especie de *trompe l'œil* caprichoso, uma encenação de opera, e não a sincera e serena pintura — grandiosa quando convem, e opportunamente simples.

A summa d'estas considerações dá a idéa do

que, segundo o parecer que adoptamos, se obtem em resultado da evolução da arte contemporanea: a riqueza d'um estylo a corrigir nas suas infidelidades, a capacidade para fazer observações parciaes, cujo aproveitamento deve ser muito discreto.

Dissemos que apontariamos o que mais saliente se nos figura haver no poeta Fontoura Xavier. Ao par da sua metrificação correctissima e do seu estylo brilhante, elle tem ainda uma alta qualidade, a nosso ver, a mais recommendavel de quantas possue: é a tendencia, o grande ardor social que se revela nas suas poesias.

A um dos muitos e varios ramos da arte contemporanea essa tendencia é commum, e d'ella surgiu o que se chamou a poesia socialista.

O phenomeno é digno de nota. Ao passo que uns reproduzem a vida vulgar, outros, sentindo, embora presos á corrente geral do realismo, a soberana importancia do assumpto, buscam traduzir as aspirações, as ancias, as blasphemias e a vaga esperança do moderno viver social.

Cumpre notar que esta escola, surgindo em fins do seculo passado, abrilhantou a primeira phase da poesia contemporanea, dando-nos a idealisação do homem livre do theologismo — livre, mas, ao mesmo tempo, rebelde, e — fazendo como o liberto — da sua liberdade o uso digno d'um escravo.

Mas o que domina n'esse aspecto da poesia

contemporanea é o seu vago sentimento do verdadeiro destino da arte, o qual afasta-a da vulgaridade e do rebaixamento.

E é aquelle character que se nota quasi sempre em Fontoura Xavier: o seu amor da Patria, o seu sentimento de liberdade, a sua indignação em presença das miserias actuaes e a sua forte aspiração d'um futuro melhor, em que a justiça será a lei e terá desapparecido do mundo a velha iniquidade. E, levado naturalmente d'essa oppressão do viver hodierno, elle, ao mesmo tempo que divisa os altos cimos do longiquo futuro, volta ao passado os olhos turvos das lagrimas de gratidão pelos trabalhadores emeritos. — Não poderíamos esquecer aqui as suas bellas estrophes a Tiradentes, repassadas d'um sentimento simultaneamente terno e forte — como a dôr varonil dos que enterram o companheiro de luctas e tornam prestes para onde mais accesso vai o pelejar.

Era n'esse vasto campo que desejavamos vê-lo sempre. A sua alma verdadeiramente poetica ha de comprehender que os costumes modernos não são susceptiveis de idealisação vivaz; e na historia elle encontrará o manancial inesgotavel das grandes emoções.

« *Riante antiquité! beauté toujours nouvelle!* »

Essa é a necessidade do artista moderno: só na contemplação do passado elle encontrará os ele-

mentos de obras impereciveis. E' n'essa successão de paineis terriveis, grandiosos, tristes e esplendidos que o poeta de hoje deve ir buscar a scena que o seu genio opulentará — o segredo do nosso coração e da sua gloria. Assim é que, ha sete para oito seculos, procedem os eleitos da Arte, e d'elles é que sabemos que o homem não perdeu a sua força esthetica.

1884.

ANNIBAL FALCÃO.





FONTOURA XAVIER

QSTE notavel poeta, que é um perfeito « gentleman » e que desempenha o mais correcta e conscienciosamente possivel o cargo de consul geral do Brazil em New York, tendo prestado no exercicio das respectivas funcções, reaes serviços ao seu paiz, foi, quando estudante, um rapaz endiabrado. Espirituosa, mas temivelmente endiabrado. Como João de Deus e João Penha em Coimbra, deixou lenda, quer no Rio de Janeiro, quer em S. Paulo, quer no Recife.

D'ahi, por certo, o denominarem-no « poeta satanico », pois que os seus esplendidos versos nada teem de luciferinos. São protestos indignados de uma alma boa e pura, são brados de revolta contra a iniquidade social. Inspira-os o bem da humanidade e não o espirito do mal.

Fontoura Xavier foi dos primeiros, que, no

Brazil, rompendo o estreito ambito da poesia subjectiva, entoaram canticos viris; dos primeiros que, abandonando o violão choroso das serenatas, empunharam a tuba revolucionaria; que, sacudindo os languores morbidos do lyrismo lamartineano, imprimiram ao verso os accentos da musa vingadora.

Bardo! o cantar somente o collo nú da amante
Não diz co'a evolução do seculo gigante!

A «Elvira» das poesias de Fontoura Xavier
tem por nome Justiça e é

. o sol da Nova Ideia,
A Musa varonil da homerica epopeia.

No ardente culto que lhe vota, o poeta chega
á ternura de chamar á Justiça — « a boa mãe ».

Justiça, ó boa mãe! no julgamento extremo
Tu nunca lançarás o anathema supremo,
Como um labéo de morte, á face dos heroes.

Descerra o Pantheon, accende o alampadario
E leva aquelle morto ao fóco planetario
D'esta constellação phantastica de sóes.

Estes magnificos tercettos fazem parte de uma
bella e vibrante poesia, em que, talvez indevida-
mente, se reclama a glorificação do alcunhado

« Tiradentes », como tendo sido a alma da conjuração que se tramou em Minas Geraes, no ultimo quartel do seculo XVIII e que ficou designada por — Inconfidencia.

O grande ardor social, que é, não só a mais alta qualidade de Fontoura Xavier, como disse no excellente prologo das *Opalas* o finado Annibal Falcão (um dos mais lucidos espiritos do Brazil moderno), mas tambem a caracteristica da sua individualidade poetica, manifesta-se, principalmente, na soberba poesia *O velho deus*.

O velho deus é o Sol.

Que poeta deixou de cantar o astro-rei, proclamando-lhe a magestade, como esplendor e como força?

Fontoura Xavier, poeta humanitario, que pensa nos problemas da miseria, saúda-o sob um ponto de vista novo:

Sempre tens um pedaço do teu manto,
Um farrapo de luz para a miseria!
E eu nunca vi a purpura de um santo
 Enxugar um só pranto
Ou cobrir uma chaga deleteria!

De entre as produções poeticas de Fontoura Xavier a que mais contribuiu para attrahir a attenção publica sobre o seu nome, porque fez escandalo, foi a satyra politica *O Regio Saltimbanco*, escripta em 1877. Reinava ainda no Brazil o sr. D. Pedro II, de saudosa e veneranda memoria.

Fontoura tinha então 17 annos e fazia a propaganda republicana como fazia as suas « estudantadas ».

Machado de Assis, o primaz actual da litteratura brasileira, escreveu que elle abraçara uma ideia politica para ter pretexto para os seus versos socialistas, e o agudo critico Urbano Duarte disse mais tarde que, no regimen republicano, Fontoura Xavier, em vez de escrever *o Regio Saltimbanco*, escreveria *Os saltimbancos da republica*. Méro diletantismo politico. Como quer que seja, porem, segundo José do Patrocínio, ¹ « *o Regio Saltimbanco* é um poemeto mortifero como um chuço de assaltante da Bastilha; de pensamentos rubros como uma fogueira de holocausto. Algumas de suas estrophes deviam cair como um punhado de farinha no manto de Cezar; outras deviam queimar-lhe o rosto como um jacto de vitriolo. » Na opinião de Lopes Trovão, « esses versos fazem lembrar uma tribu de leões ou as triumphantes legiões romanas que passaram na conquista do mundo. Sente-se em cada um d'elles a alma de um Graccho, a vibração electrica das tempestades das Termopilas ». ² Estes juizos são profundamente verdadeiros, sob o ponto de vista litterario.

¹ *Gazeta da Tarde*, 22 de julho de 1885. Rio de Janeiro.

² Critica sobre o « *Regio Saltimbanco* », 1887. Rio de Janeiro.

Outra composição de Fontoura Xavier que lhe deu fama e que todos os rapazes recitavam, foi este malicioso soneto:

A MULHER DO PALHAÇO

Eu ando triste, mudo, atrabiliario,
Persegue-me a visão de um sonho vago;
Tenho as tristezas tetricas de Mario,
E as solidões sinistras de Carthago.

Nem saiba o mundo . . . Tábido sudario
Envolva-me a paixão que em mente afago . . .
Vou em meio caminho do Calvario
E desconheço a cruz que aos hombros trago!

Desconfio de alguém. De longa data
Conto entre as minhas relações ignotas
A graça esculptural d'uma acrobata . . .

Muita vez, *á saída*, dei-lhe o braço,
E inda tenho present' as cambalhotas
Que ella dava na ausencia do palhaço! . . .

Outro bello soneto, que quasi todos os jornaes brasileiros reproduziram e que foi muito festejado:

ESTUDO ANATOMICO

Entrei no amphitheatro da sciencia,
Attrahido por méra phantasia,
E approuve-me estudar anatomia,
Por dar um novo pasto á intelligencia.

Discorria com toda a sapiencia
 O lente n'uma mesa onde jazia
 Uma immovel materia, humida e fria,
 A que outr'ora animára humana essencia.

Fôra uma meretriz; o rosto bello
 Pude, timido, olhal-o com respeito
 Por entre as negras ondas do cabelo.

A convite do lente, contrafeito,
 Rasguei-a com a ponta do escalpello
 E não vi coração dentro do peito!

Evidentemente, ha novidade nas poesias de Fontoura Xavier.

Quanto á forma, Fontoura Xavier é primoroso na versificação e brilhantissimo no estylo, cheio de petulancias, quasi sempre felizes; ama a sonoridade do rythmo e procura — para a vencer — a difficuldade da rima. « O apparecimento das *Opalas* foi um successo, diz-nos Figueiredo Pimentel. ¹ Não havia quem não soubesse de cór o soneto *Loura e Branca*:

Loura e branca, de um lyrio na brancura
 Parece filha d'um pincel divino!
 A gente, ao vê-la, lembra-se de Urbino,
 Tem impetos de pôr-lhe uma moldura.

¹ *Revista Contemporanea*, Rio de Janeiro, Junho de 1902.

Grande parte da mocidade brazileira d'então —era nos tempos do Imperio, era na época da propaganda republicana, ainda em ideal, ainda em sonho — admirava, sobretudo, no autor das *Opalas*, o poeta vibrante de *Tiradentes*, o *Imperador em Minas*, *Fiat Lux*, *A Guerra*, etc., etc.. Outros saudavam n'elle o bardo da *Musa livre*:

Eu adoro-a depois... no epilogo da lucta,
Quando, cheia de febre, apparição da taça,
Ella surge entoando uma canção devassa
Como as deusas pagans — a druydica polluta!

d'*O velho Deus, Junto de um morto, A morte de Gerard de Nerval* e dezenas e dezenas de outras poesias n'esse estylo.» Accrescenta Urbano Duarte ¹ que «apesar do seu estylo alcandorado e do colorido ardente e *gritador* que elle derrama á flux em suas producções, Fontoura Xavier não é poeta banal; para muitos será isso mesmo a sua melhor qualidade. Não ha duvida que é um tanto theatral, que arma ao effeito, que se preoccupa demasiado com a sonoridade do verso, com o peregrinismo da expressão, com a difficuldade da rima, com a singularidade e o imprevisto das imagens. Mas afinal de contas emerge a sua *individualidade* no meio d'aquella douda symphonia de vocabulos mirabolantes, de hyperboles arrojadas, de estranhas visualidades, n'aquelle carnaval vertiginoso de cortezans, de *clowns*, de

¹ *A Semana* de 10 de janeiro de 1885. Rio de Janeiro

padres, de reis, de cézares, de deuses, de demônios, de garotos, de esplendores, de podridões, de furores revolucionarios, de rugidos de leão, gritos de condor, silvos de serpente, échos de cazerna, guizos de arlequim, brados de victoria e vozes de além tumulo; tudo revolteando em dança macabra á musica de um rythmo estranhamente harmonioso e atordoadamente bello! Como certas bebidas que embriagam augmentando a sêde, as poesias de Fontoura Xavier atordoam e embriagam, deixando a ancia das aspirações não satisfeitas.»

«O seu grande merito, segundo Teixeira Bastos,¹ está em que talvez melhor do que as poesias de nenhum outro, dos que temos lido ultimamente, se approxima de um ideal humano grandioso e profundamente social.»

O illustre critico e diplomata argentino Garcia Mérou² escreve que «sus *Opalos* son uno de los libros más sugestivos de la literatura brasileira contemporánea, la revelación más clara de un talento refinado y original. La más característica de sus composiciones, la que muestra mejor todos sus dotes es la siguiente, desbordante de lirico entusiasmo» e dá-nos uma bella traducção em hespanhol da *Aguia Americana*. «Fuera de

¹ *Poetas Brasileiros*, Porto, Livraria Chardron, 1895.

² Don Martin Garcia Mérou, *El Brasil Intelectual*, Buenos Aires. Félix Lajouane, Editor.

esta classe de inspiraciones la musa de Fontoura Xavier se complace en trazer sonetos de una factura meticolosa y algunos de los cuales merece reproducirse y elogiarse por el sentimiento poetico de que reboran sus estrofas. Leamos *El Gran Viaje*, e dá-nos outra bôa traducção da *Grande viagem*.

Louis-Pilate de Brinn Gaubast ¹ «ne conteste pas davantage, á M. Fontoura Xavier, esprit déjà plus sombre et foncièrement sceptique, sa science de versificateur, l'éclat de sa langue colorée, la vive sincérité de sa soif de justice, la grandiloquence d'enthousiame de plusieurs de ses poèmes, tels que *La Vieille Divinité (O velho Deus)* — c'est le soleil, — qu'il célèbre avec une piété toute nationale.»

E' pena que o illustre poeta riograndense (creio que ainda não disse que Fontoura é do Rio Grande do Sul, da região do pampeiro destruidor) tenha produzido muito pouco, ² depois das *Opalas*. Basta, porém, esse livro de um alto valor esthetico; esse livro em que, em vez de plangentes elegias, que já não commovem, e românticos hysterismos, que irritam, se encontram, a par de elevados pensamentos sobre o mundo mo-

¹ Louis-Pilate de Brinn Gaubast, *La Poésie Brésilienne*, La Revue des Revues, Paris.

² Isto era verdade, quando se escreveu; depois, Fontoura Xavier tem produzido muito e tudo obras primas, que se encontram n'este volume.

ral e sobre as grandes questões sociaes da actualidade, satyras acerbadas e vehementes libellos contra todas as tyrannias; basta esse livro, repito, para que o autor figure com pronunciado relevo na historia litteraria do Brazil.

Não obstante, entre as suas ultimas composições esparsas pelos jornaes, figura uma, o *Brinde*, que, sem receio de que me contestem, affirmo ser a mais universal de quantas se escreveram modernamente em lingua portugueza. Conheço d'ella traducções em francez, em allemão, em hespanhol, em italiano e duas em inglez: uma do soberbo poeta norte-americano Bliss Carman e outra do excentrico londrino baudelaireano William Watson, alem de varias illustrações, cada qual mais suggestiva, que a acompanham, quando de tempos em tempos ella apparece reproduzida nas revistas e *magazines* europeas. «Hoje, a musa do poeta das *Opalas*, escreve Arthur Azevedo,¹ referindo-se ao *Brinde*, já não empunha um latego; é graciosa e serena; prefere a miniatura aos grandes paineis de outr'ora. Ainda não ha muito tempo, Fontoura contou, em duas melindrosas sextilhas, na excellente *Revista moderna*, de Paris, uma historia de sapatos e sapatinhos, sufficiente para dar nome a um poeta.»

As suas poesias inglezas não são menos interessantes. No *Bookman*, de julho, revista que se

¹ Arthur Azevedo, *A palestra do "Paiz,"* 1898. Rio de Janeiro.

publica em Londres e Nova-York, encontro uma em que o poeta se impoz a si mesmo a difficuldade de compor em uma unica rima, e o caso é que, de tão expontanea e natural, quasi que não se percebe o *tour-de-force* da factura.

BABY'S TOAST

To Mrs. Strang

Some day,
 Not far away,
 I hope I may
 Shout, merry
 And gay,
 In this very
 Day:
 "Here is to the day
 That's the birthday
 Of my queenly Fairy
 Godma,
 Hurrah! „
 And as I say
 So, merry
 And gay,
 I will change and pray,
 In the same way,
 In this very
 Day:
 "My Lord, I pray,
 Give my queenly Fairy
 Many happy returns of the day. „
 And then — Hurrah!
 I will have my way
 To shout as I say,

In the same way,
 In this very day:
 "Here is to Godma,
 Long live Godma,
 Three cheers for Godma:
 Hurrah!

Hurrah!

Hurrah! „

O conhecido critico Aldrich fala-nos dos seus pequenos poemas inglezes: ¹ « Mr. Henry James once characterised Aphonse Daudet as a *great little novelist*. Mr. Fontoura Xavier is a great little poet. The brevity of his poems, for he wrote nothing *de longue haleine*, would place him among the minor singers; his workmanship places him among the masters. The accurate touch of the artificer in jewels and costly metals was one of the gifts transmitted to Mr. Fontoura. Much of his work is as exquisite and precise as the chasing on a daggerhilt by Cellini; the line has nearly always that vine-like fluency which seems impromptu, and is never the result of anything but austere labor. The critic who, borrowing Milton's words, described these carefully wrought poems as « wood notes wild » showed a singular lapse of penetration. They are full of subtle simplicity. Here we come across a stanza as severely cut as an antique cameo — the stanza, for instance, in which the poet speaks of his lady-

¹ " *Evening Post* „ — New-York, Nov. 10th 1902.

love's « winter face » — and there a couplet that breaks into unfading daffodils and violets. The art, though invisible, is always there. »

Entre as suas inspirações modernas de certo não se perderão no olvido a *Aguia americana*, a *Venus de Washington*, *Estrophes a Baby Mee*, *O Pagem*, *As montanhas*, as *Cataratas do Niagara*, *Spleen de Baudelaire*, *El Dorado de Poe*, e a *Caravana Espectro*.

Ia-me esquecendo de falar dos *triolet*s de Fontoura Xavier. Imperdoável falta seria, porque os *triolet*s concorreram muito para a popularidade do poeta das « Opalas ». Foi Fontoura Xavier quem vulgarizou no Brazil essa fórmula phantasiosa do verso, muito em voga em França no século XVI e resuscitada modernamente por Théodore de Banville.

Fontoura levou ao maior apuro a factura do « triolet », evitando, com admirável habilidade, que se lhe percebesse o esforço de composição.

Aqui vão alguns como amostra :

AO POETA SILVESTRE DE LIMA

Ai! que perfume de lima!
 Ai! que perfume silvestre!
 Até me provoca a rima...
 Ai! que perfume de lima!
 Dize, Silvestre de Lima,
 D'onde este cheiro, Silvestre?
 Ai! que perfume de lima!
 Ai! que perfume silvestre!

PROLOGO DOS "CLOWNS,"

Saltem os "clowns," empoados,
 Batendo os guizos da rima!
 Gwinplaines sarapintados,
 Saltem os "clowns," empoados!
 Metros desarticulados
 Pelo exercicio da esgrima,
 Saltem os "clowns," empoados,
 Batendo os guizos da rima!

IXORA

Depois de cheiral-o bem,
 Um fabricante opinou:
 Não ha no mundo ninguem,
 Depois de cheiral-o bem,
 Que creia existir alguem
 Que vença n'isto o Pinaud:
 Depois de cheirar Lubin,
 Um fabricante, o Pinaud.

Foi na satyra que, principalmente, Fontoura Xavier empregou o *triolet*, obtendo effeitos terribes... para os satyrisados.

Esses *triolet*s satyricos, entre os quaes ha verdadeiras obras primas, só mais tarde poderão reaparecer.

No seu livro *Notas e ficções*, Affonso Celso faz esta referencia ás *Opalas*:

«Dedico esta confidencia ao meu caro Fontoura Xavier, não tanto em homenagem á velha e immaculada amizade que nos une, como por que

elle é o poeta das *Opalas* — o fino artista que consegue apprehender umas *nuances* indefiniveis de raros sentimentos e as sabe concretisar em poemas subtis, ricos de singulares palpitações...»

Quando em 1884 appareceram as *Opalas* (ed. hoje esgotada, dos livreiros Carlos Pinto & C.^a de Porto Alegre), o grande poeta Luiz Delphino saúdou-as com este bello soneto:

Poeta, és como Encelado caído
do céu, sob as montanhas fulminado!...
Retine o ferro ás mãos do condemnado;
ouve-se o canto do metal batido.

Movem-se os montes; o Titan, ferido,
é sobre a terra e sobre o mar lançado:
na sombra, esse phantasma do passado
entalha o pé de sangue humedecido!...

E' uma velha esqualida e devassa
a geração que a nossos olhos passa,
amamentada aos seios d'uma escrava;

para levar essa carcassa á cova,
quer-se que beba a geração mais nova
em vulcões como tu, nadando em lava!

Estes soberbos versos são o fecho de oiro que eu podia desejar para o meu pobre trabalho.

VISCONDE DE S. BOAVENTURA.

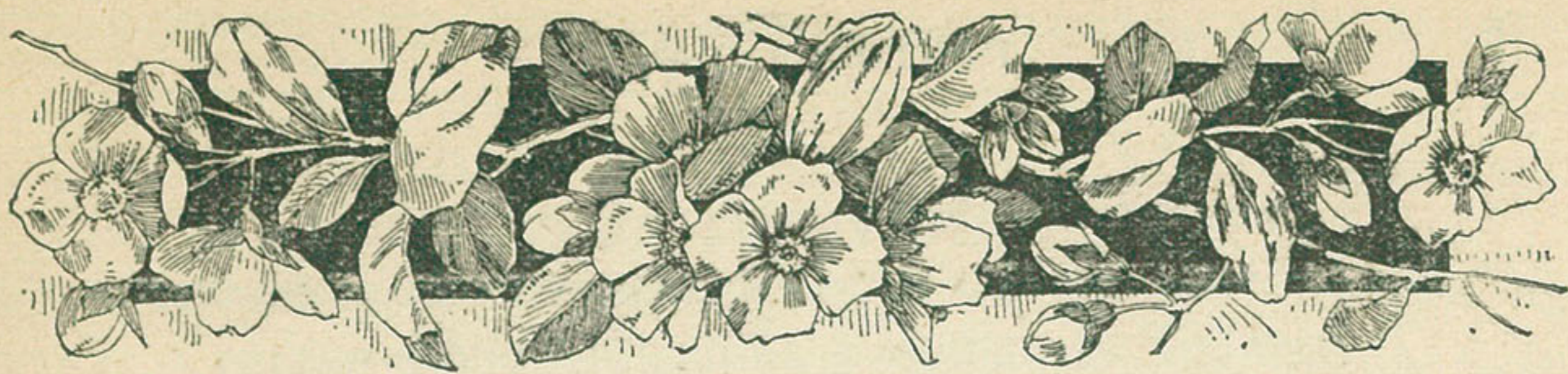


M U S A L I V R E



MUSEUM

*Sonhei-a no pó das praças,
Visão ou nuvem—saudei-a.
Gonfaloneira das raças,
Sonhei-a no pó das praças.
Medéa, á frente das massas,
Na mão o facho da Ideia,
Sonhei-a no pó das praças,
Visão ou nuvem—saudei-a.*



MUSA LIVRE

Eu adoro-a depois... no epilogo da lucta,
Quando, cheia de febre, apparição da taça!
Ella surge entoando uma canção devassa
Como as deusas pagans, a druydica polluta!

E, cahida a seus pés, a multidão que a escuta
Julga ouvir a mulher, a cortezan da praça!...
Orgiaca infeliz! a turba, inerte e lassa,
Desconhece a visão, sublima a prostituta

Eu, não! quando em delirio aquelle vulto assoma,
Aos hombros sacudindo um turbilhão de coma,
E chocam-se os crystaes como armas em batalha,

—Deslumbra-me o phantasma anthartico da Wille!
Sonho a plebe a rugir a musica de Lisle
E saúdo em Marion a musa da Canalha!...

TIRADENTES

Não vêdes, muito além, pelo dormir das éras,
Um vulto de titan coroado de esferas,
Um oceano que dorme ás plantas d'um vulcão ?

Sabeis-lo, é sobre a historia. Horrendo como o Douvre,
Abrigo do trocaz e antipoda do Louvre
O rochedo de luz chamou-se — Convenção.

Quando a Revolução — o espectro de Gorgona! —
Alou-se desse abysmo e appareceu á tona
Calcou-lhe desgrenhada o tragico sopé...

O mar como Saúl irava-se nas harpas,
As ondas em roldão varreram-lhe as escarpas
E a deusa resurgiu no pincaro — de pé.

Sorriu: como que o sol pairava sobre o monte;
Tingiram-se de sangue as fimbrias do horizonte
E o mundo ouviu, tremendo, a trompa de Galaar....

No centro do vulcão, como uma forja acesa,
Mil boccas de clarins cantando a Marselheza
Sopravam nos siphões electricos do Mar.

Era horrivel de ver-se o monstro enfurecido,
Heroico, marcial, esplendido e ferido,
Bramindo de feroz, rasgando-se de dôr...

Quando a vaga descia essa eminencia estranha
Formava a legião: chamava-se — *Montanha,*
Gironda, Cordeliers, — phantasmas do *Terror.*

E marchavam, então, tomados de furores,
Batendo nos fuzis, rufando nos tambores,
Desfraldando pendões, cantando o *Ça-ira...*

A grande apparição, medonha, illuminada,
Parecia emboccar a tuba immaculada
Do archanjo convocando ao valle Josaphat.

Era em meio a tragedia; Ella só, sobre o palco,
Como a grande inscripção de um grande catafalco,
Rasga a pedra a cinzel e lê: *Noventa e tres...*

Entre bravos da plebre e braçadas de flôres,
Na febre do delirio, os craneos dos actores
Juncaram-lhe a ribalta — excentricos *bouquets!*

Foi quando *Elle* surgiu. No cimo da cratera,
Rodeada de fogo, a Deusa estremeceira
Se visse aquelle espectro em frente de Paris...

Elle tinha accordado á sanha da Leôa,
Muito embora de longe, ergueu-se, saúdou-a,
Que a fronte resvalou na tunica da Actriz.

Era cedo, talvez. Mas que barreira ingente
Iria oppôr-se á lava, á lava incandescente
Quando a chamma aterrôra á guela do vulcão?

Que braço de colosso ou peito sobre-humano
Iria impôr silencio á bocca do oceano
Quando o visse rugir, rugir como o leão?...

Justiça, ó boa mãe! no julgamento extremo
Tu nunca lançarás o anathema supremo
Como um labéo de morte á face dos heroes...

Descerra o Pantheon, acende o alampadario
E leva aquelle morto ao fóco planetario
Dessa constellação phantastica de sóes.

O VELHO DEUS

Sumiu-se a noite, a negra taciturna,
 Illuminou-se o ar ;
Lá vem o sol como um leão da furna
Descrevendo a parabola diurna
 Aos rythmos do mar !

E's o mesmo das éras triumphantes,
Quando entravas nas furnas que eram casas,
E zurzias o dorso dos gigantes
 Com raios flammejantes
Como styletes de crystaes em brazas ;

Quando á tarde pairavas pelos montes,
Rubro e sangrento como vens aos tropicos,
Espadanando luz nos horisontes
 E bebendo nas fontes
Tintas de sangue dos heroes cyclopicos.

Nós, sim, não somos d'essa raça inteira
Que, n'um templo mais vasto, no infinito,
Sagrava-te aos clarões de uma fogueira
A divindade unica e primeira,
O Jehovah do rito;

Filhos bastardos de titans immensos,
Fizemo-nos tão grandes, tão atheus,
Que mal ascende o fumo dos incensos
Julgamo-nos suspensos
Além dos mundos tacteando Deus.

Ha não sei quantos seculos agora
Que te fecham a porta as cathedraes;
Quem quizer adorar a tua aurora
Precisa vir cá fora,
Que de ti nem se falla nos missaes,

Até hoje os teus raios aos milhares,
Como guerreiros mudos,
Cahem contra esses templos seculares
E saltam pelos ares
Como laminas d'oiro contra escudos.

Pudesses penetrar n'aquelles muros,
Como um anjo da guarda,
Batendo a revoada dos auguros
Como se faz em fójos mais escuros
A tiros de espingarda!...

Elles lá pairam feros, esfaimados,
Junto ao cadaver que cahiu no horto,
Retalhando virtudes e peccados,
Como um bando de córvos agachados
Sobre um cavallo morto.

E se é certo que partem ao mendigo
 Inda o pão de Jesus,
Tambem deviam commungar comtigo,
Que ha não sei quantos annos, velho amigo,
 Lhe multiplicas luz.

Já vi surgires ao romper do dia
 Batendo n'uma porta,
Que a lufada da noite intensa e fria
Perseguida bramindo, — e ali jazia
 Uma creança morta!...

Sempre tens um pedaço do teu manto,
Um farrapo de luz para a miseria!
E eu nunca vi a purpura de um santo
 Enxugar um só pranto
Ou cobrir uma chaga deleteria!!

MASSAS DE BRONZE

(A LUIZ DELFINO)

Não foram dois heroes mas foram dois chacaes!
Fizeram-se no tempo em que uma tyrannia
Co'a descarnada mão da morta monarchia
Esbofeteava a Lei nos fójos imperiaes!

Eram dignos um d'outro os miseros rivaes:
Emquanto um, menos nobre, á infamia se vendia
O outro, Judas vil, as suas leis trahia
Roubando uma corôa á frente de seus paes!...

Hoje, feitos de bronze e erguidos pelas praças
Para gloria dos reis e insulto ás populaças,
Um — cospe desdenhoso escarneos á Nação;

Emquanto, sobre o pó do funebre banquete,
Outro — tenta apagar co'a pata do ginete
A luz da liberdade e a sombra d'um Catão!

Rio de Janeiro.

ORPHÉE AUX ENFERS

Subia o panno acima. A musa da alegria
Illuminava o rosto á prasenteira *claque*,
E deuses e vestaes da morta theogonia
Vinham dansar em scena aos cantos de Offenbach.

Ao despedir a orchestra as notas delirantes,
Borrados arlequins lascivos como Pan,
Nos braços — espiraes d'um grupo de bacchantes
Saltavam, sem pudor, na febre do can-can.

Era a satyra viva, a satyra pungente,
Levada no delirio aos baixos entremezes,
Expondo ao riso alvar da geração doente
A crença dos fieis dos fabulosos deuses.

Então esses heroes divinos das florestas,
Outr'ora adoração e crença dos pagãos,
Tornavam-se truões que em delambidas festas
Viviam de espancar o tédio dos christãos.

E as grandes ovações áquelles decahidos
Traziam-me á lembrança o barbaro selvagem,
Que vinha sapatear na tumba dos vencidos
No campo onde travara o prelio da carnagem.

Podeis dormir em paz, ó legião sagrada!
O' Jupiter, Plutão, titans da fé pagan!...
E como tudo marcha ás solidões do nada
Inda ha de rir de nós o crente de amanha.

AVE, ITALIA!

A proposito da morte de...

(A LOPES TROVÃO)

I

Quando a patria dos Cesares devassos
Surgia á luz, das epochas lendarias,
Rojando pelos tumulos dos párias
Os frouxos membros lassos,

Pejava o ar um manto de negrume:
As Déboras previram sobre Roma
O biblico castigo de Sodoma,
A chuva de betume.

O réprobo das gentes,
O diabo, cheio d'um terror titanico,
Velou-se como os Néros impotentes
Nas purpuras do panico!

Foi quando, á voz de Deus e do Direito,
Naquelle enorme temporal desfeito
Vibraram contra a Italia,
Como o guante sinistro do passado,
A hybrida sandalia!

Ao écho desse golpe subitaneo,
A Italia, como um corpo esquartejado,
Boiava á flôr do mar Mediterraneo.
A santa marinhagem da Judéa
Acorrentara a náo do Despotismo
A's ancoras da Idéa.

Iluminou-se a terra — o fundo abysmo!
Os regulos das novas Escripturas,
Para acalmar a sêde da Sciencia,
Applicaram ao sabio visionario
— O Colombo incessante das alturas —
Um jorro d'agua benta na consciencia!
E a prédica dos *martyres* aos crentes
Explicava o systema planetario,
Ao brilho amortecido dos pingentes,
Pelos *sete-mysterios* do rosario!

Deus! o vago ideal da Humanidade,
Por quem os grandes cerebros profundos,
Armados da Sciencia e da Verdade,
Interrogavam pelagos de mundos,
Veio á luz como um misero mostrengo,
Expor-se ao guiso, á chança dos ridiculos,
Ao toque indecoroso nos testiculos
De um torpe camerlengo!

Pela face do mundo espanejára...

.....
.....

... Escarneo dos destinos!

Os baculos, as mitras, a thiara,
Pelas linguas brunidas das espadas,
Soletavam os codigos divinos,
Dictando leis ás gerações passadas!

E a Humanidade, como um martyr novo,
Vinha de Roma, do covil do vicio,
Sob o cadaver livido d'um povo,
Tropega vil, a passo mal seguro,
Aos magicos clarões do santo officio,
Ao verbo flammejante do papado,
Bater á negra esphinge do futuro
—Inexoravel tumulo cerrado!

Ao desfilar aquelle grande enterro
O sol da Redempção erguido a pino
Vibrava raios nos covis do Erro,
Como espadas polidas d'aço fino.

A Italia, como os pallidos dormentes,
Incendidos os animos convulsos,
Ergueu-se livre estortegando os pulsos,
E fundidos os élos das algemas
Tombaram como laminas candentes
Sobre a fronte dos santos diademas!

II

Padres! vamos! dizei-*Ihes*... á Canalha,
Que inda tendes as armas de batalha:
Uma cruz erigida sobre o solio,
Água benta das pias no recésso!...
— Crucifiquem o despota — Progresso,
— Afoguem o facinora — Petroleo!

A bronzea bateria do Axioma,
Assestada de ha muito contra Roma,
Deitou por terra o dogma do mysterio!
Justiça! empunha a lamina bem dita,
Grava no azul da abobada infinita:
Parce sepultis, Cesar megatherio!

As almas do peccado sanguinarias,
Já se não banham — torpes alimarias —
Nas aguas milagrosas da Piscina.
As Crenças, como as aves foragidas,
Retomaram o vôo das ermidas
Para os vastos solares da Officina!

As cathedraes tristonhas, solitarias,
Semelham grandes urnas funerarias
— Hyperboles da morte triumphantes!
Onde o bronze soturno dos vencidos
Prantêa, em côro amargo de gemidos,
Uma phalange morta de gigantes!

Silencio, mochos lugubres do Erro!
Além assoma o cyclope de ferro,
Cheio de cantos ennublado o espaço!...
Dir-s'ia que o Progresso temerario
Responde ao vosso chôro mortuario
Co'as vibrações de uma *ironia d'aço!!*

O Maëlstron das novas theorias,
A fervilhar em coleras sombrias,
Rasga a fauce sedenta de naufragios!...
— Borgia, salva a baixella dos altares
E bebamos, senhor dos lupanares,
A' saude dos ultimos Pelagios!

A tortura das práticas divinas
Dorme o somno pesado das ruinas!...
Ergue-te emfim, ilota! populaça!
Talha o lucto nas chlamydes sagradas,
Entôa o *dies-iræ* das ossadas,
Além é mais um feretro que passa!

Soou-te, emfim, a hora da vingança!
O prestito dos Cesares avança
Já no termo da grande trajectoria...
— E o cadaver senil da monarchia
Ahi vem caminho da mansão sombria
Do necroterio tábido da Historia!

FIAT LUX!

Sua magestade, a rainha de...
matou um coelho.

(Correspondencia da Europa)

Assombro!... O mundo velho, o tropego devasso,
No extremo agonisar se viu, de espaço a espaço,
Curvado para o chão, batido pela dôr,
Mandar ao mundo novo um grito de terror!
A musculosa mão da féra tyrannia
Guiava contra a Servia a garra da Turquia.
A França enfileirava os grandes esquadrões
Para bater em tempo enormes legiões
Postadas, ferro em guarda, ás portas d'Allemanha.
Dom Carlos, um bandido, erguia-se na Hespanha.
De Roma imprecações partiam para os ceus.
Cheirava a sepultura o successor de Deus.

O baixo poviléo, ao som de martelladas
Erguia contra os reis immensas barricadas.
A Lei era a Cora coberta de europeis,
Mercadejando o corpo a troco d'uns mil réis.
A honra, a consciencia, a moda dos banqueiros
Não eram muito mais que uns falsos moedeiros.
O juro, as inscrições, a praça, os capitaes
Dormiam com os reis em grandes bacchanaes.
A imprensa e a tribuna, as artes e a Sciencia
Iam atraz da lei, da honra e da consciencia.
Vinha tragar a terra esta panthera—o Mal.
A Ordem tinha herdado um catre no hospital.

E o mundo velho assim em convulsões enormes
Mandava ao mundo novo uns gritos desconformes!
Mas quem diria?!... Assombro!! um coelho e nada mais
Foi-lhe restituir a sua antiga paz!...
Abençoado seja aquelle santo dia!

A Magestade, emfim, fez bem a pontaria.

BRINDE

Eu bebo á manhã de amores,
Manhã em que os meus sapatos
E os teus *mignons* sapatinhos,
Os teus cobertos de flôres,
Os meus cobertos de lama,
Lama e flôres dos caminhos,
Encontraram-se juntinhos,
Pisando na mesma grama.

E bebo á noite de amores,
A noite, em que os meus sapatos
E os teus *mignons* sapatinhos,
Os teus cobertos de flôres,
Os meus cobertos de lama,
Lama e flôres dos caminhos,
Encontraram-se juntinhos
Debaixo da mesma cama . . .

JUNTO DE UM MORTO

(A AFFONSO CELSO)

Tudo é baldado, tudo, inteiramente tudo!...
Apostrópho, interrogo, exaspero-me, grito,
Vou da areia ao abysmo e da vaga ao granito,
Tudo é silencio e paz, tudo é sinistro e mudo!

Vou, remonto-me ao Cháos, á Chaldéa, ao Egypto,
Ao sarcophago, á esphinge... estudo, estudo, estudo...
Mas a pedra, o papyro, a sciencia a que alludo,
Ninguem, ninguem me diz onde existisse o mytho!...

O Olympo inteiro é morto. O ar, a terra, o fogo...
Tudo que sinto e vejo, interpello, interrogo...
E' morto o grande Zeus!...

Vae tacteando na lucta a consciencia humana!
— Morto, tu que desceste ao golfão do Nirvana,
Responde: achaste Deus?!...

EL-REI CARTAPHILO

(A URBANO DUARTE)

Cartaphilo da lenda,
Lançaram-lhe não sei que anathemas enormes
Que elle anda toda a vida a errar de senda em senda
Cingido fielmente á letra da legenda,
Como o judeu de Worms.

O mundo boquiaberto,
Vê passar a correr esse lépido bipede...
Mas, devóre um oceano, atravesse um deserto,
Sempre em volta de nós ou mais longe ou mais perto
O Cesar-velocipede!...

—Intérmino pampeiro,
Se procuras a Mob do reprobato maldicto,
Do caminho a seguir não é esse o roteiro,
Segue além... muito além, na estrada do infinito,
O' regio forasteiro!...

A MORTE DE GÉRARD DE NERVAL

(A ANNIBAL FALCÃO)

Qui sait si le noir plumage de l'oiseau, son cri funèbre, le nom patibulaire de la rue, l'aspect épouvantable du lieu, ne parurent pas à cet esprit, depuis si longtemps en proie au rêve, former des concordances cabalistiques et déterminantes, et si, dans l'âpre sifflement de la brise d'hiver il ne crut pas entendre une voix chuchoter : C'est là !...

Th. Gautier. — GÉRARD DE NERVAL.

Num becco da cidade, onde o vicio transborda
Como de vasa immunda o lixo da sentina,
Foi que elle amanheceu, pendente de uma corda,
Suicida, enlaçado ao lampeão d'uma esquina.

Ninguém se apercebeu do morto macilento
No centro de Pariz, esse mundo tamanho,
E o cadaver passou toda a noite ao relento
Oscillando ao lampeão como um pendulo estranho.

Tinha branco de neve o chapéo na cabeça
Como um largo *abat-jour* á fronte embaciada,
E cobria-lhe a lingua uma camada espessa
Como a ferrugem cobre a folha d'uma espada.

Envolvia-lhe o corpo inerte, inanimado,
Como um flóco subtil, um sudario de neve...
Veio um corvo abatendo o seu vôo pausado
E poisou no chapéo, amassando-o de leve.

A *chimera* roaz do seu melhor soneto
Não fôra receber-lhe o derradeiro alento,
Quem sabe o que queria aquelle corvo preto
Que appareceu grasnando o primeiro *memento*?

E Nerval parecia o espectro flammejante
De um canto de ballada, um cavalleiro antigo,
Armado ponto em branco, o elmo radiante,
Esqualido, de pé, na guarda do inimigo!...

Parecia mais bello: em crépe de neblinas
Era como os heroes dessas lendas do norte,
Que, nos lagos azues povoados de ondinas,
Aportam do paiz nostalgico da morte!...

Acordou-se Pariz e estateiou absorto
Em frente áquelle novo e tragico espectáculo...
O corvo esvoaçou: reconhecido o morto,
O povo poz-se a rir do membro do *Cenaculo*!

Ah! quando elle espraizou-se em seu vôo sereno,
Desfez-se o encantamento — o negro capacete...
E foi porque lembrou-lhe um paladim do Rheno,
Que a França poz-se a rir do interprete de Goethe!

MONOLOGO DE UM SCEPTICO

(A MARIANO DE OLIVEIRA)

Deus, retira-te! porque desde hoje emancipado do receio de ti e tornado sabio, eu juro, com a mão estendida para o céo, que tu não és mais do que o carrasco da minha razão, o espectro da minha consciencia.

Proudhon.

Cerrei de todo á luz as portas do meu craneo!
Se as abro a um pensamento, invade-me um *senão*;
Assim, que exista lá, como n'um subterraneo,
Uma lanterna só... que seja-me a Razão!...

Nós não tememos nada! Entanto, subitaneo,
Da treva em que elle jaz, do horror da escuridão,
Póde assaltar-nos sempre esse *Nada* titaneo,
Chumbar-nos as polés — Remorso — Expição!...

Quando adormeço um pouco eu tenho horror ao somno ;
Eu sei que aquella luz esvae-se no abandono,
Que já se foi assim a mais de mil atheus ! . . .

Razão ! pensar que tu te vaes ! . . . desamparar-me ! . . .
Ah, nunca ! . . . Em guarda ! em guarda, ó meu fiel gendarme !
Não quero que penetre esse sophisma — Deus ! . . .

POMPILIO DE ALBUQUERQUE

Paladino da luz ! o verbo do regaste
Ha de em breve soar na arena do combate ;
E teu nome que vem dos carceres do crime
Oh ! talvez não encontre a tuba que redime
Os vencidos da morte. A pagina-epopéa
Desconhece os heroes das Tavolas da Idéa . . .
Mas teu crime qual é ? . . . Tua sombra o que deseja ? . . .
Combateste o poder do Cesar e da Egreja . . .
As ameias do Erro — a indomita muralha —
Escalaste-a, cantando os hymnos da Canalha . . .

Cahiste, como um bravo, ás portas do Futuro.
Descansa ! E' já de mais, ó martyr obscuro ! . . .

A' GUERRA!

A vossa santa paz, ó cesares da guerra,
Enfada a multidão;
Ha muito não saudaes a evolução da terra
A tiros de canhão!

Mandae desentupir, ó reis, essas casernas
Ao brado de marchar!...
Elles vivem sem nome a vida das tavernas,
Se esquecem de matar.

Os velhos generaes não sonham a victoria
Nem pensam no porvir...
Mandae-os despertar pelo clarim da gloria,
A' grita — destruir!...

Sabeis, esses heroes das vastas esplanadas
Precisam de viver,
E como conseguil-o, ás lanças e ás espadas
Não dando de comer?...

De mais vai tropeçando á tumba do passado
O sec'lo colossal,
E faz-se necessario o ensaio antecipado
De um grande funeral!

O sec'lo do vapor, do Cenis, da metralha,
Do Krupp e do Suez,
Não póde sepultar-se aos gritos da Canalha,
Como qualquer burguez!...

A falta de estrugir de canticos de guerra
Assombra a geração!...
Vamos! illuminae a evolução da terra
A fógos de canhão!...

188...

ADEUS

DA ACTRIZ APOLLONIA A' PLATÉA DO RIO DE JANEIRO .

Vós deveis conhecer os bolgias subterraneos
Que a hyperbole do sonho — Alighieri narra . . .
Pois bem, imaginai um oceano de craneos
E sobre elle um batel que despedaça a amarra.

Muito embora da morte o pelago maldito,
Uma Sombra fatal traçou-lhe a negra rota . . .
Pouco importa onde vai; partisse de Coccytho,
Desça as aguas do inferno, — é segura a derrota.

N'esse abysmo medonho, onde as almas revoltas
Confrangem-se bramindo as coleras do horror,
Córpos, boccas crueis, ás escancaras soltas,
Estorcem-se raivando em convulsões de dôr.

Contínuo cataclysmo agita-lhe as entranhas . . .
Gritos, imprecações, pela soidão deserta,
Descem nos vagalhões, que vão como montanhas
Sobre a fauce do monstro horrivelmente aberta!

Espectaculo horrendo! Em ondas de negrume
Rolam nuvens no espaço, onde uma luz não brilha! . . .
E a marinhagem só, sob um céu de betume!
E as ondas d'esse mar a rebramir na quilha! . . .

O caminho do nada, as eternas viagens,
D'esse enorme albatroz na vaga que escabuja,
Conheço aquelle céu, adoro essas paragens,
Guie a Sombra o batel, tambem sou da maruja!

O' multidão convulsa! em teu rugir eterno
Sinto as notas de horror que esse abysmo desfere! . . .
O oceano da gloria, o oceano do inferno
Gerou-os um só Deus: — Satan ou Alighieri!

Ah! que eu te sinta sempre o rugido das vagas,
N'este, n'outro, n'aquelle. . . em qualquer horisonte!
Não me olvides a mim que te abandono as plagas
Atirando um *adeus* como um ob'lo a Charonte!

Errata

Pag. 34 — *Onde se lê :*

D'esse enorme albatroz na vaga que escabuja,

Deve lêr-se :

Visse embora albatroz na vaga que escabuja,

Um instante, coveiro ! o morto é meu amigo,
E como vês cheguei para dizer-lhe adeus ;
Depois podes leval-o, a Satanaz, comtigo,
Que sei que não pretende a salvação de Deus.

Eu descuidei-me, sim ; nós davamo-nos muito !
Ha mezes abracei-o e nunca mais o vi...
Alguem, quem quer que seja ! aproveitou o intuito,
Matou-o em minha ausencia e trouxe-o para aqui.

Vim despedir-me d'elle... (Escuta-me, primeiro.
Tu debes conhecer os mortos que aqui somes ;
Muitas vezes Hamleto — a duvida, coveiro,
Visita este lugar interrogando nomes.

Contínuo cataclysmo agita-lhe as entranhas...
Gritos, imprecações, pela soidão deserta,
Descem nos vagalhões, que vão como montanhas
Sobre a fauce do monstro horrivelmente aberta!

Espectaculo horrendo! Em ondas de negrume
Rolam nuvens no espaço, onde uma luz não brilha!...

O oceano da gloria, o oceano do inferno
Gerou-os um só Deus: — Satan ou Alighieri!

Ah! que eu te sinta sempre o rugido das vagas,
N'este, n'outro, n'aquelle... em qualquer horisonte!
Não me olvides a mim que te abandono as plagas
Atirando um *adeus* como um ob'lo a Charonte!

CARVALHO JUNIOR

Um instante, coveiro! o morto é meu amigo,
E como vês cheguei para dizer-lhe adeus;
Depois podes leval-o, a Satanaz, contigo,
Que sei que não pretende a salvação de Deus.

Eu descuidei-me, sim; nós davamo-nos muito!
Ha mezes abracei-o e nunca mais o vi...
Alguem, quem quer que seja! aproveitou o intuito,
Matou-o em minha ausencia e trouxe-o para aqui.

Vim despedir-me d'elle... (Escuta-me, primeiro.
Tu deves conhecer os mortos que aqui somes;
Muitas vezes Hamleto — a duvida, coveiro,
Visita este lugar interrogando nomes.

Estuda esta cabeça, o príncipe ha de vê-la ;
Repara bem, é loura, esplendida, á Van-Dick !
Pois bem, gasta a mortalha, então roida a tela,
Não tomes Baudelaire por um jogral — Yorick !)

Vim despedir-me, pois ! A morte já começa
A martellar caixões na porta dos atheus !...
Sentido, batalhões ! cahiu uma cabeça...
Que importa uma victoria ás legiões de Deus ?...

A GRANDE VIAGEM

Eis-nos em alto mar, a todo o panno!
Mas onde vamos nós e quem nos leva?
Que escuridão é esta d'esta treva,
Que turva as ondas d'este negro oceano?...

E mais e mais se alonga esta jornada!
E diante de nós nem uma vela,
E por cima de nós nem uma estrella
Nos allumia o Maelstron do nada!...

E todos perguntamos:— d'onde viemos? ...
Os corações mergulham como sondas,
A marinhagem fita o céu e treme!

E vamos, vamos! nada mais sabemos;
Senão só que nos guia n'estas ondas
A morte—o capitão que vai ao leme.

Um brilhante é um brilhante, embora ao pó calçado,
Como o pó sempre pó embora ao céu alçado.

REVOLTA DO TUMULO

A TERRA (*ao aproximar-se um cadaver*)

E ter de abrir minhas entranhas
Para guardar este tyranno!...
Ah! que eu não possa, accesa em sanhas,
N'um grande esforço soberano,
Erguel-o acima das montanhas
E arremessal-o no oceano!...

O OCEANO (*aparte*)

Tão prompto caia
Sobre meu dorso,
Que eu, sem esforço,
Cuspo-o na praia.

A AGUIA PELLADA

Por toda uma extensão de céu, de mar e terra,
Por toda uma extensão que vae de oceano a oceano,
E vae do Mississippi até Nova-Inglaterra,
A aguia pellada enverga o vôo soberano.

Tem a cabeça branca e despida de plumas,
Mas longa na envergura a penna de remigio,
Que é o sceptro do espaço. Inda assim como algumas
Não tem c'roa real: cinge o barrete phrygio.

Sobranceira a tufões, impavida a cyclones,
Ella passa affrontando ora a furia dos mares,
Ora de serra em serra o mais alto dos cones,
Batendo intemerata em demanda dos ares.

E sóbe, sóbe, sóbe... apoucam-se no fundo
O valle, o monte, o lago, urbes e esterquilinios...
Sóbe inda mais... mas vae quasi a roçar num mundo,
Quando pára e contempla os seus vastos dominios.

Jamais tu sob o sol, altiva aguia marinha,
Destendeste como ella as longas azas grandes ;
Nem vós, urubitinga, aguia da serra alpina,
Aguia mongol . . . nem tu, condor —aguia dos Andes ! . . .

Contam que um dia assim em que subio devéras,
O raio de uma esphera abrasou-lhe a pupilla :
Ella então arrancou os raios ás espheras,
E enfeixados os tem sob a garra tranquillta.

Certo, pois, não foi ella esse abutre inhumano
Que roeu n'uma rocha o ventre a Prometheu ;
Nem essa que imperou sobre o mundo romano
Algemada ás legiões de Cezar e Pompeu.

Grandipotente, altiva e heroica, porém nunca
Carniceira e feroz aguia que se não doma,
Nem foi ella que outr'ora, alçando a pata adunca,
Com Attila cruento abateu sobre Roma.

Aguia emblema da paz, não vem tambem da prole
D'essa outra que se ergueu sobre os bancos do Senna,
Flammejou em Wagram, descahio para Arcole
E ferida abateu o vôo em Santa Helena.

Ai! ella não baixava á terra do horisonte,
Como essa que, ao rugir da espessa canhonada,
Tremulando adejou de Wellington na frente,
E vencida afinal passou-lhe sobre a espada.

Aguia que jamais vil despojo opimo empolga,
Tambem não vem de vós, ó negra da Teutonia,
O' Jano do Danubio, ó bifronte do Volga,
O' branca, immaculada e morta da Polonia ! . . .

Jamais tu sobre a terra, altiva aguia marinha,
Destendeste como ella as longas azas grandes;
Nem vós, aguia bretan, aguia da serra alpina,
Aguia mongol... nem tu, condor—aguia dos Andes!...

Aguia para abrigar um pavilhão guerreiro,
Ah! quem me dêra ter-te, altiva e soberana,
Desfraldada aos tufões sob o céu do Cruzeiro,
Imperando no mundo, ó aguia americana!...

1890.

PHILOSOPHIA

Uma vez, no deserto, olho vesgo nos ceus,
Vi um bipede aos brados :

“ O’ Deus!

O’ Deus!

O’ Deus!...”

Depois, como ninguem respondesse aos chamados :

“ Qual! não existe Deus. ”

AS CATARACTAS DO NIAGARA

As florestas, em renques destendidas,
Quedam-se ao longo, de terror tranzidas,
Como assistindo ao desabar de um mundo,
Quando o Niagara, ululando aos roncões,
Precípite, colerico, iracundo!
Passa, minando-lhe'os, robustos troncos.

As montanhas e as selvas seculares
Pasma escutam-lhe o troar dos mares,
De quéda em quéda, longe reboando.
E além das selvas, na amplidão vibrada,
Co'a matilha dos ventos atrelada,
Passam, ao largo, os cyclones rosnando.

Pairam no ar as aves espalmadas...
As neblinas destendem-se esgarçadas
Pelas copas das arvores gigantes...
As catadupas sobre os sorvedouros
Rolam, estrugem n'um bramar de touros,
Despedaçam-se, vão-se espumejantes...

Fervem, desabam os cachões de espuma...
As nuvens accumulam-se uma a uma
Descendo pelas horridas voragens...
E vê-se ao fundo, no horisonte immersa,
Fugindo célere a bramir dispersa,
Uma tribu de bufalos selvagens!...

Páro em frente do abysmo revoltado,
E parece-me ver o Corcovado
Com o Amazonas suspendido aos hombros,
Grande! tentando o derradeiro esforço,
Ceder, a despejar de sobre o dorso
Todo este enorme turbilhão de assombros!...

Estas grandezas, sim, que são da America!...
Tão magestosa, esplendida e feérica,
Só ella as póde conceber tão grandes!...
Ao sul — os Andes... Amazonas... Pratas...
Para o norte as immensas Cataractas
Como um oceano a despenhar dos Andes!!